

# A produção de identidade através dos uniformes escolares

Significação e conceituação

Por Letícia Oliveira Borges<sup>1</sup>

## Resumo

Este artigo tem por objetivo principal levantar e discutir questões relacionadas ao uniforme escolar no Brasil. Num primeiro momento busca-se realizar uma revisão bibliográfica sobre a história do uniforme e as particularidades que o mesmo apresenta e, posteriormente, delinear conceitos que possam problematizar de que modo as identidades dos sujeitos constituem-se através desse uniforme. O presente artigo é parte do projeto de mestrado em execução no PPGH da FURG, cujo objeto é a elucidação do uso de uniformes escolares, desde sua experimentação até a identificação dos sujeitos como seres sociais. Pensando dessa forma os uniformes são trajes que estão introjetados há muito tempo, e ao que se percebe seu objetivo é de identificar e particularizar indivíduos participantes de determinados grupos sociais. Portanto, pode-se inferir que o uniforme, como reconhecemos, compartilha modos de pensar, sentir, crer, imaginar, indicando assim produções de reconhecimento.

Palavras-chave: Uniforme escolar, identidade, estilo.

## Abstract

This article has the main aim of discussing issues related to the school uniform in Brazil. Initially seeks to conduct a literature review on the history of uniform and characteristics that it presents and subsequently outline concepts that can discuss how the identities of the subjects are constituted through this uniform. This article is part of the master's project running on the PPGH FURG, whose object is to elucidate the use of school uniforms from his trial to the identification of individuals as social beings. Thinking that way uniforms are costumes that are internalized long ago, and that realizes its goal is to identify and individualize participating individuals from certain social groups. Therefore, it can be inferred that the uniform, we recognize, share ways of thinking, feeling, believe, imagine, thus indicating recognition productions.

Keywords: School uniform, Identity, Style.

1. leti.oliveira.borges@gmail.com. Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira – FBP; Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG; Mestranda em História pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

# O uniforme escolar e sua história identitária

Corazza (2004) denomina o uniforme como farda ou fardamento, o que pode ser entendido também como aquilo que possui apenas uma forma. E para tanto, um vestuário padronizado de utilização regular, de uma instituição, classe ou corporação, confeccionados para tornar quem o usa semelhante ou idêntico (CORAZZA, 2004, p. 55). Essa nomenclatura em forma de vestimenta surge por volta do século XV com o exército, uma das primeiras organizações a se utilizar deste tipo de indumentária. Ela era igual para todos os militares, independente de sua patente e, em outras instituições, um pouco menos disciplinares no tocante da obrigatoriedade, ela também circulava e fazia parte deste universo como, por exemplo, o caso dos hospitais, hospícios e asilos (SILVA, 2006, p. 59).

Sobre a utilização desta identidade vestuária escolar, Marcon afirma que “no Brasil os uniformes escolares passaram a ser utilizados entre 1800 e 1900 com o advento da Escola Normal, sendo que a primeira Escola normal no Brasil surgiu em Niterói no Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX” (MARCON, 2010, p. 17). A função desta escola era habilitar professores para realizar atividades no magistério de ensino primário. O que também era oferecido em cursos públicos de nível secundário, o que hoje denominamos de Ensino Médio.

As escolas tradicionais adotam os uniformes, de fato, somente a partir da década de 1920, e as demais, na década de 1930.

Com a incitação do simbolismo como: cores, nome e símbolo da escola, os objetivos da criação dos uniformes escolares atingiram sua mensagem. É visto em estudos que por traz de um uniforme existe uma mensagem subliminar na vestimenta onde se reclama do aluno um porte exemplar, zelando assim pela imagem da instituição a qual cursa e, inevitavelmente representa, sem importar se está dentro ou fora da escola.

Umberto Eco, em seu livro “Psicologia do vestir”, salienta que o vestuário tem uma noção de comunicação e amplitude do que é a vida em sociedade. Eco explica que: “pelo menos tudo que não é natureza bruta, para alguém da sociedade constituída, para alguém do homem que tem uma percepção da natureza e a faz dobrar-se aos seus objetivos, preenchendo-a de significados” (ECO, 1989, p. 8). Para este autor a roupa não serve apenas para cobrir o corpo do frio ou do calor, ou simplesmente para cobrir a nudez. Acima de tudo, para ele, o vestuário deve ser analisado como uma forma de inventar a comunicação. Ou seja, a

vestimenta comunica intrinsecamente aspectos culturais da sociedade em que se insere e aí está a noção de comunicabilidade no quadro de vida da sociedade, onde tudo é comunicação. Para Eco, “a indumentária assenta sobre códigos e convenções, muitos dos quais são fortes, intocáveis, defendidos por sistemas de sanções ou incentivos” (ECO, 1989, p. 15).

Sendo assim, o uniforme representa pertença a um determinado grupo social, cultural e intelectual germinando uma identidade que, segundo Queluz esses significados culturais “podem ser mais potentes para as pessoas que as funções sociais e econômicas que os objetos/tecnologia/sistemas tecnológicos que foram projetados para realizar” (QUELUZ, 2008, p. 14-15) e complementa discorrendo que “se percebermos o universo da cultura material, dos artefatos e da tecnologia como experiências vividas, talvez, sejamos capazes de vislumbrar as sutis formas de criação, inserção, apropriação e transformação dos artefatos feitos pelos diversos atores sociais” (QUELUZ, 2008, p. 15).

Se os uniformes escolares eram projetados como transformação de grupos sociais, com a crescente democratização do acesso à escola, majoritariamente pública, em muitos casos, o fator de discriminação e diferenciação social é acentuado. Um exemplo, dessa acentuação, são os guarda-pós brancos que indicavam escolas frequentadas por alunos de menor poder.

No final do século XX, muitas mudanças ocorreram no que diz respeito aos modelos dos uniformes, principalmente nas instituições privadas, trazendo mais conforto e praticidade. Sua simbologia também adultera-se, o que gera mudança de valores de outros tempos, apesar de ainda ser um agente identificador. Agora não mais um objeto de particularização do indivíduo, mas um vestuário prático e enquadrado na moda do dia a dia daqueles que se utilizam deles. Nas palavras de Marcon:

É passada a impressão de que, mesmo tendo sido o uniforme escolar sempre um “uniforme escolar” o sentido da sua existência sofreu várias mutações ao gosto dos tempos. Conforme a humanidade foi passando por processos de evolução, esta vestimenta fixou-se na idealização, mas não na conceituação (MARCON, 2010, p. 20).

O uniforme mesmo sendo modificado, em sua essência ainda é parte de identificação de um grupo e por vezes diferenciação de *status*.

Muitos ainda defendem o uso do uniforme, pois, sua utilização caracteriza, ou ao menos pretende, um sentimento de identificação com um determinado grupo, o que é fundamental para o desenvolvimento psicossocial da criança. Isso marca consideravelmente aqueles que amam ou odeiam usá-lo.

Ao longo da história e, ouve-se sobre, as culturas juvenis de diferentes tempos demonstram marcas significativas na forma de vestir seus uniformes. São relatos como o encurtamento de saias, inserção de sobreposição de peças, uso de adereços, detalhes que acabam por identificar e caracterizar seus agentes individualmente. O que nos dias atuais tornou-se uma preocupação maior quando se pensa na composição dos uniformes escolares.

O uniforme no decorrer da história serviu como forma de identificação, controle e padronização aos alunos das escolas que se utilizavam e até hoje se utilizam. Há aqueles que defendem que o uniforme é uma forma de segurança e outros que dizem ser o uniforme um receptor das diferenças sociais da escola e/ou sala de aula, além da esteticização que oportuniza imagens harmoniosas.

Sejam eles modernos ou tradicionais, coloridos e/ou elegantes, estruturados e confortáveis, práticos e funcionais, com cores neutras ou vibrantes, enfim é através do estilo do uniforme escolar que pode-se ter uma ideia das culturas escolares que perpassaram a história do seu uso. De qualquer forma, os uniformes são muito parecidos e baseiam-se na roupa usada no dia a dia do aluno.

## Questão identidade e uniforme escolar

A identidade nos últimos tempos tem sido muito discutida na teoria social. Isso se deve à individualização que cada ser tem reconsiderado no momento atual. Stuart Hall em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” vai nos dizer que essa individualização é devida o resgate de resquícios do homem humanista, renascentista e iluminista. Nesse tempo homem era o centro do universo, além de ser mais racional e científico. Hall ainda afirma que ao passo que a sociedade moderna torna-se cada vez mais complexa, coletiva e social, devido às transformações econômicas e políticas, o ser humano também passa a alterar sua identidade, vindo a ser visto como um ser “definido” no interior dessas novas estruturas da sociedade (HALL, 2006).

Sendo assim pode-se dizer que a partir das relações que o homem constrói o mesmo torna-se sujeito central do tempo moderno. Ou seja, ela não está acabada, definida por completo, está sempre em constante produção segundo Hall.

(...) a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nas-

cimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. As partes “femininas” do eu masculino, por exemplo, que são negadas permanecem com ele e encontram expressão inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta. Assim em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de *identificação*, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma *falta* de inteireza que é “preenchida” a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. Psicanaliticamente, nós continuamos buscando a “identidade” e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos na unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude (HALL, 2006, p. 38,39).

Esse processo em andamento chamado identificação se dá também através dos uniformes escolares, uma vez que o mesmo faz com que o sujeito sintam-se pertencente a um grupo, uma instituição, uma representação.

Outro autor, Airton Embacher relata em seu livro “Moda e Identidade” que:

A identidade – metamorfose é a articulação de todas as personagens, articulação de igualdades e diferenças, constituindo e constituída pela história do sujeito diacrônico – personagem-bebê, personagem-moleque, personagem-menino, etc. – e no movimento sincrônico – personagem – professor, personagem – homem, personagem – pai, etc. – dessa mesma história. Para identificarmos essas personagens interpretadas na vida do sujeito, basta pedir que ele narre sua história (EMBACHER, 1999, p. 23).

Ou seja, sua existência, sua totalidade é uma unidade de múltiplos personagens, os quais precisam ser narrados. E talvez o uniforme seja, conforme as afirmações de Foucault (2004, p. 118), um objeto de investimentos imperiosos e urgentes em qualquer sociedade, visto que “o corpo está preso no interior de interesses muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações”.

Corazza ao falar sobre o “paradoxo do uniforme” (2004) salienta o fato de que, possivelmente, a utilização do uniforme é carregada de elementos mais intrínsecos do ser humano. Para a autora, o uniforme não é simplesmente a indumentária utilizada no âmbito escolar, mas é, também, aquela vestimenta do dia a dia que o indivíduo utiliza para se fazer igual e identificável no seu meio e por isso questiona:

Quem vestiu algum tipo de uniforme – guarda pó branco; saia azul-marinho, camisa branca, cinto e gravata vermelhos; jardineira azul ou laranja do pré; o pretinho básico das noites de embalo; o *jeans*, a camiseta e o tênis; o terninho, o blazer, a bolsa Louis Vuitton, etc. – e deixou de experimentar uma sensação agradável de pertencimen-

to? Quem ao vestir um uniforme, nunca experimentou a gostosura de pertencer a uma comunidade, a um grupo, a um gueto, a uma tribo de não estar fora, mas de estar dentro, de ser aceito, de estar integrado, de fazer parte, de estar incluído? (CORAZZA, 2004, p. 54).

Fazer parte, de forma geral, traz ao ser humano o pertencimento. Ele almeja pertencer a um determinado grupo, também reconhecido como grupo de referência. Solomon (2002) evidencia que embora duas ou mais pessoas sejam geralmente necessárias para a formação de um grupo, o termo “grupo de referência” é utilizado de modo ainda mais amplo para descrever qualquer influência externa que forneça sugestões sociais. O individual e o social, como via de pertencimento de grupos específicos de referência, possibilita certa unidade psicológica ao indivíduo.

Svendsen (2010) por sua vez irá dizer que a identidade é formada na interação do sujeito com a sociedade, num diálogo contínuo com o mundo. Nessa relação o sujeito se projeta e internaliza imagens e símbolos que irão constituir sua identidade numa relação dinâmica e constante.

Com o uniforme escolar essa identificação vai se dar a partir da organização e segurança dos alunos. Cabe citar que os uniformes escolares começaram no Brasil, durante o período da República e significativamente eram inspirados nos modelos de militares do Exército Nacional. E por assim dizer, era assim que eles podiam manter vivos os ideais republicanos de ordem e progresso (LONZA, 2005, p. 41). Ideais esses que através dos uniformes eram uma forma de supervalorizar a imagem e elevar o espírito de patriotismo e nacionalismo do país.

Com a Era Vargas (1930-1945) o patriotismo vigora ainda mais nos uniformes. Apesar de algumas mudanças, inclusive nas disciplinas de ginástica e atividades esportivas, o uniforme permanece semelhante e as modificações consideráveis ocorrem com o advento da Segunda Guerra Mundial, onde os uniformes passam a ter inspiração militar para os meninos e futuramente para as peças femininas também. Entretanto, a contracultura da juventude rebelde que emerge no pós-guerra, modifica os uniformes novamente no que diz respeito a forma e as cores de composição dos uniformes escolares.

O *Rock* muda tudo. O mundo estava em constante mudança, era uma metamorfose ambulante. Enquanto nos Estados Unidos, os *beatniks* misturavam poesia, *be pop* e cruzavam o território para tentar responder as velhas angústias existenciais, na segunda metade da década de 50, surgiu o som que iria revolucionar a música e os costumes do mundo: o *rock'n in roll*. Os jovens ostentando blusões de couro negro e calças bem justinhas imitavam os tiques enfatiados de Marlon Brando e James Dean. O *rock* foi a

música que instigou a juventude a procurar a própria moda. Nessa, época, os uniformes tiveram um papel especial. O estilo de roupa que se usava para ir ao colégio – a chamada moda colegial – inspirou a moda jovem. Eram as saias rodadas combinadas com blusas mais simples, sapatos baixos e camisetas, usadas para baixo da camisa ou nas aulas de Educação Física, tornando-se peças indispensáveis no vestuário jovem masculino. O *jeans* chegou para ficar definitivamente, no uso diário e nos uniformes, embora tenha gerado muita controvérsia – era ideal para os meninos e problema para o pessoal da escola, já que em diferentes, estágios de descoramento, os alunos nunca ficavam uniformes (LONZA, 2005, p. 160).

O que o autor relata se configura até a década de 1960. Já em meados da década seguinte o desejo de rebelar-se era evidente, os jovens inspirados em seus contemporâneos, os rebeldes astros de *rock* e do cinema, assumem o excesso, fora do comum na aparência. Minissaia, miniblusa, biquíni, minicalcinha, meia-calça, boca de sino, a moda e os cabelos longos para os homens reproduziam uma renovação significativa e absoluta. Os jovens não desejavam mais vestirem-se e serem como os seus pais.

Lonza relata que com o aparecimento do *jeans* a rebeldia dos jovens chega ao seu ápice. E mesmo que as escolas desejassem utilizar o uniforme tradicional com o tempo os colégios tiveram que ceder ao *jeans* passando a ser aceito nas instituições (LONZA, 2005, p. 23).

Com o passar do tempo surge o *prêt-à-porter* (1969-1973) trazendo para a indústria nacional e para as classes médias, lojas de departamentos com produção em alta escala que ofereciam ao público peças mais em conta e com estilo. E é nesse momento que surge uma peça, ainda de forma ínfima, mas considerável – a camiseta. Vestimenta de algodão que já pode ser vista nas imagens e fotografias dos colégios brasileiros.

Joffily (1999, p. 66) diz que com a inserção da camiseta de algodão nos uniformes escolares o caminho da democratização se delineia dando estilo a tendência mais lógica da indústria da moda no Brasil.

Já na década de 1980 novamente a vestimenta escolar se modifica, propiciando novos caminhos para os uniformes, que agora não mais são influenciados pelas vestimentas militares e/ou religiosas (salvo com algumas exceções). Mantém-se a partir de agora apenas o registro e a nomenclatura, pelo vínculo adquirido pela história e registrado nas memórias.

A partir do século XXI a prioridade é o conforto e a praticidade de uma estética jovem e bonita. Os novos tempos dialogam com a população juvenil, objetivando modelos culturais e consumidores culturais.

Apesar dessa preocupação, os jovens contestam os atuais uniformes e buscam alternativas para deixá-los

mais de acordo com as suas expectativas. As meninas, por exemplo, usam camisetas muitos números menores para ficar com o umbigo à mostra, como manda a moda e o colégio não permite. O que elas fazem? Na hora da entrada, quando são examinadas, fecham o blusão para que a vista do umbigo não seja flagrada. As coordenadoras e onitoras riem, é claro, lembrando-se do tempo em que enrolavam a saia do colégio na cintura para estar com as pernas à mostra, como exigia a moda dos anos 60 e 70 (LONZA, 2005, p. 219).

É a trajetória do tempo reinventando e customizando marcas e identidades juvenis na composição da vestimenta do aluno. “Trata-se de um processo de construção da pertença e de afirmação identitária na qual os jovens negociam os polos estruturadores de seu eu” (MARCON, 2010, p. 41).

É perceptível, portanto, vislumbrar o quanto a humanidade é cíclica. Mudam-se os tempos, mudam-se os personagens, mas, a essência é sempre a mesma. A busca por identificar-se em um contexto de igualdade permanece inalterada.

Outro aspecto interessante de se observar são os corpos contemporâneos que não deixam de serem corpos flutuantes, acabam por se transformarem conforme o desejo, e a busca por diferença.

Miriam Goldenberg nos diz que “o final do século XX e o início do século XXI serão lembrados como o momento em que o culto ao corpo se tornou uma verdadeira obsessão transformando-se em estilo de vida” (GOLDENBERG, 2005, p. 66). O corpo nesse momento é uma prática de comportamento e imitação daqueles corpos que viram ser bem-sucedidos. Esta mesma autora declara em seus escritos que muitas mulheres estão aprisionadas ao um modelo de perfeição e por muitas vezes deixam de viver plenamente suas vidas, isso se vale também a sua sexualidade, para preocuparem-se com o corpo. Ou seja, a valorização do corpo não é nada mais que uma imitação prestigiosa que, indivíduos de culturas diferentes, constroem em seus corpos e comportamentos refletindo suas culturas e seus aspectos econômicos e sociais. Cabe dizer que por vezes, o parecer ser parece valorar mais que o ser. Pensando assim, é interessante ressaltar a pesquisa da professora Dinah Quesada Beck, que em sua tese de doutorado, intitulada “Com que roupa eu vou? Embelezamento e consumo na composição dos Uniformes Escolares infantis” demonstra que na escola estudada a disponibilidade de peças oferecidas aos alunos, em especial as meninas, é de um número considerável, sem falar na infinidade de adereços que essas peças são compostas e customizadas pelas alunas. Ou seja, a erotização dos corpos, a produção do

consumo e o embelezamento desses corpos estão cada vez mais em evidência.

Portanto, é plausível pensar que o corpo neste século, parece ser mais importante que a roupa, ele é, por vezes, a verdadeira roupa: é o corpo apresentado, modelado, adulterado, controlado, empregado, costurado, enfeitado, escolhido, construído, produzido, imitado. Deixando com que a roupa, nesse caso, seja apenas um acessório para ascensão e apresentação deste corpo da moda.

Nesse intento onde fica o uniforme escolar e, a identidade de cada sujeito, em pleno século XXI? Quais diretrizes o mesmo está produzindo?

É desta maneira e, com essa indagação, que se pretende trabalhar para que pontos e respostas sejam alcançadas. Através de entrevistas com alunos de escolas municipais da cidade de Pelotas, buscar-se-á as configurações para tal questionamento, visto que até pouco tempo os mesmos não se utilizavam de um uniforme escolar, mas com uma nova diretriz do município, os alunos de tais escolas começaram então a utilizar o uniforme escolar. A idade compreendida será entre 11 e 13 anos, visto que é nesse momento que os humanos estão cada vez mais se produzindo e constituindo sua identidade; onde estão em plena metamorfose.

Outras entrevistas também serão delineadas, para observar como as pessoas que já utilizaram uniformes escolares se portavam. Esses questionamentos são válidos à medida que dão significado aqueles uniformes utilizados por eles no tempo deles. Também é plausível inquirir sobre o que representou naquele momento o uniforme escolar, revisitando a memória de cada um e então classificando, ordenando e rememorando a mesma com o intuito de observar como estes usuários se identificaram em tempos e lugares diferentes do presente.

## **Memória e identidade: metodologia e referencial teórico**

Pensar o tempo, segundo Candau (2012), supõe classificar, ordenar, determinar e datar. Ou seja, à medida que nos dispomos de tais mecanismos experimentamos o tempo e então definimos o mesmo. Isso seria viver.

Quando pensamos em memória, não é diferente, pois, por vezes, condicionamos a nossa existência a elas. As memórias nos dão a ilusão de que o que se passou não

está definitivamente inacessível, é admissível reviver as lembranças. Juntando-se pedaços, imagens e recordações é possível encarar a vida presente.

Candau nos diz que a memória, “ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2012, p. 16). Pode-se dizer então que no quadro da arte de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou que se explora as condições favoráveis de que porventura se desfrute, visando ao alcance de determinados objetivos, como por exemplo a identidade do indivíduo, os mesmos operam escolhas em seu interior de registros memoriais que vem fundar ou até mesmo incorporar certos aspectos particulares do passado, a fazer relação com à identidade.

Pensando dessa forma o emprego em uma pesquisa, sobre a produção identitária de um indivíduo através dos uniformes escolares, com a metodologia de história oral, que conforme Mattos exemplifica, possibilita a perpetuação de “impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos” (MATOS, 2011, p. 97).

Esse mesmo método pode ser entendido como:

(...) um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica,...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, etc. (ALBERTI, 1989, p. 52).

Escritas e narrativas orais se complementam entre si. E assim sendo:

(...) cada ser histórico singulariza a sociedade na qual está inserido e a percebe de uma forma específica. Falar de uma história verdadeira seria muito ingênuo, mas podemos afirmar que se trata de uma percepção verdadeira do real, emitida pelo depoente, que assim compreende e se apropria do mundo ao seu redor. Ao tornar pública sua percepção, está, de alguma forma, contribuindo para a elucidação parcial de alguma situação (MATOS, 2011, p. 99).

E é dessa forma que entrevistas com pessoas que experimentam e/ou experimentaram uniformes escolares

podem contribuir e singularizar tais instrumentos de ideias, condutas, crenças, objetivos, desejos e habilidades, conforme já mencionado acima.

Os dados obtidos através dessas entrevistas seriam ainda mais significativos se fossem abordados e interpretados a luz da análise de conteúdo que para Bardin (1977) tem duas funções: (1) heurística – a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta; (2) uma função de administração da prova – hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes apelarão para o método de análise sistemática para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação, ou seja, na prática as duas funções se complementam de forma que elas, como um conjunto de técnicas de análise de comunicações, são marcadas por uma grande diversidade de formas e são adaptáveis ao campo das comunicações. Bardin ainda afirma que a análise de conteúdo é definida como:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 42).

Segundo o autor a análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça, é a busca de outras realidades por meio das mensagens. Informações que poderão ser extraídas das narrativas coletadas nas entrevistas.

Cabe também a essa pesquisa utilizar-se de um marco teórico. E através do referencial teórico ligado à quarta geração dos Annales, a nova história cultural – mais especificamente a história das mentalidades – uma visão sobre a representação e influência que a moda abarca convergindo mentalidade, cultura, identidade e história, buscar-se-á delinear uma pesquisa que represente como as mentalidades constroem uma identidade, ou várias identidades e, se isso realmente é possível de se alcançar. Essa teoria das mentalidades nada mais é que um estudo confluyente à história das coletividades e conforme afirma Le Goff a mesma estuda “a maneira particular de pensar e de sentir de um povo, de um certo grupo de pessoas, etc.” (LE GOFF, 1976, p. 73). A metodologia auxiliará no entendimento e na interpretação sobre a representação e identidade que os uniformes escolares exercem/exerceram como uma herança social.

# Considerações finais

Estudar as particularidades dos uniformes escolares traz à tona vários desdobramentos. É possível considerar que há muito a se escrever sobre como as pessoas se identificam e/ou identificaram com tais reguladores sociais e se os mesmos entendem/entenderam essas vestimentas como objetos de poder coercitivo. Foucault retrata que o poder é uma prática social e, como tal, constituída historicamente, logo, as práticas ou manifestações de poder variam em cada época ou sociedade. Cabe perceber se através dos uniformes isso é perceptível ou não.

Ao longo de estudos pode-se inferir que a identidade de cada indivíduo está sujeita a diversos mecanismos de influência, um deles são as suas práticas diárias, o que acaba por envolver também o uniforme escolar que em suas relações, acaba por ser um complemento de várias outras necessidades do indivíduo.

Vive-se atualmente numa sociedade que cultua o individualismo, o estilo pessoal, as escolhas pessoais, a liberdade e o desejo como forma de ser único no mundo. E os uniformes deixam ou não de compreender essas mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas, intrínsecas as modificações do estudo de si mesmo, o parecer do eu e a preocupação do parecer no mundo? Suas influências se refletem não somente no mundo do vestuário, mas também nas transformações das mentalidades como um todo?

Diante de tais indagações um dos mecanismos de grande influência do século é o corpo, que nesse contexto é de suma importância, uma vez que, conforme exemplificado nos escritos de Goldenberg, os humanos estão aprisionados por um modelo de perfeição que os impede de viverem plenamente suas vidas demonstrando extrema inquietação com os seus corpos, e isso a cada dia gera não só na cultura mas também e no cotidiano brasileiro um corpo controlado, mutilado, que elege a escuridão, a indiferença, a reclusão como forma de acobertamento de imperfeições.

Gilberto Freyre, em seus escritos “Modos de homem, modas de mulher” (1987) afirmava que as modas e os modismos não diziam respeito apenas às roupas ou penteados, mas versavam também nos modos de pensar, sentir, crer e imaginar, e assim subjetivavam sobre as demais modas. Acrescento ainda que os corpos também tornam-se cada vez mais modismos. O parecer, o desejo pela eterna juventude, o eterno simbolismo de corpo definido, saudável, contrário ao envelhecimento é pautado e difundido pelas grandes mídias de comunicação de massa. Esse corpo ideal, produzido por esses meios, interfere significativa-

mente no desenvolvimento dos jovens atuais que projetam e assimilam tais modos e modas de ser ao sua constituição.

É de se considerar que nesse contexto os anúncios produzidos pela mídia vendem mais que produtos: eles vendem valores, imagens, conceitos de amor e sexualidade, de sucesso, e talvez o mais importante conceitos de “normalidade”. Conseqüentemente eles dizem quem cada indivíduo é, e quem deve ser. E pensando em comportamentos, estes mesmos anúncios dizem, como sempre disseram, que o mais importante é como se é visto. A primeira coisa que eles fazem é cercar cada ser com a imagem ideal de beleza que cada um deve ter. Sendo assim cada indivíduo aprende desde pequeno que deve gastar uma quantidade enorme de tempo, energia, e acima de tudo dinheiro esforçando-se para alcançar esta imagem e, por vezes, sentem vergonha quando falham. E a falha é inevitável, pois o ideal é baseado na absoluta impecabilidade. Afinal não se deve ter linhas faciais ou rugas, certamente não há cicatrizes ou manchas, de fato não há poros. E o aspecto mais importante é que esta impecabilidade é impossível de alcançar. Ninguém é assim, inclusive aqueles que estão nos anúncios pré-projetados e estruturados. E parece que neste enquadramento o uniforme escolar não cabe, ou se cabe, sua significância não é de tanta valia.

As roupas são nada mais que fantasias diárias, conteúdos aceitáveis aos signos. No rol das peças de vestuários e acessórios encontram-se uma oferta interminável de signos e de combinações destes, onde se pode fazer uma seleção compondo um determinado discurso da aparência. Discurso esse criado e recriado conforme o ambiente e conforme a aceitação que coincide com a projeção a ser dada por cada indivíduo ao que ele quer parecer. Ou seja, o sujeito que se adéqua as regras leva a querer se identificar com determinado grupo, por necessidade de aceitação, o leva a querer se distinguir dele ou de outros criando sua própria identidade, e/ou estilo próprio, por necessidade de diferenciação. E então, o uniforme escolar ainda tem esse *status* de identidade?

Cabe perceber, nesse mesmo ensejo que a memória desses sujeitos transporta essas imagens, significados e preponderâncias sobre o uniforme escolar experimentado. Afinal ele está carregado de interferências externas conscientes e/ou inconscientes. Visto que o sujeito que se adéqua as regras leva a querer se identificar com determinado grupo, por necessidade de aceitação, o leva a querer se distinguir dele ou de outros criando sua própria identidade, e/ou estilo próprio, por necessidade de diferenciação.

E por fim, porém não menos importante, necessita-se destacar que ainda existem outros vetores na compreensão da utilização dos uniformes escolares que validam seu caráter simbólico representativo e psicossocial. E a pesqui-

sa, que no momento está se delineando, trará ainda muitas diretrizes e configurações sobre esse aspecto identitário através do uniforme escolar.

## Referências Bibliográficas

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CORAZZA, Sandra Mara. **Revista pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, Ano VII, nº 28 nov. 2003/jan. 2004. 66p. ISSN 1518-305X.

ECO, Umberto. **Psicologia do vestir**. 3.ed. Lisboa: Assirio e Alvim, 1989.

EMBACHER, Airton. **Moda e identidade: a construção de um estilo próprio**. 3.ed. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 28.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

FREYRE, Gilberto. **Modos de homem, modas de mulher**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. **Gênero e corpo na cultura brasileira**. Revista Psic. Clin. Rio de Janeiro, vol. 17, n.2, p. 65-80. 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291022005006> . Acesso em 14 set. 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomas Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JOFFILY, Ruth. **O jornalismo e a produção de moda**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

LE GOFF, Jcques. **História das mentalidades, uma história ambígua**. In: Le Goff, J. et NORA, P. História: novos objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

LONZA, Furio. **História do Uniforme escolar no Brasil**. Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2005.

MARCON, Monica Dandrea. **Aspectos históricos do uso dos uniformes escolares:** reflexões no campo da educação e da moda. Dissertação de Mestrado. Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <[http://tede.ucs.br/tde\\_arquivos/7/TDE-2010-11-11T150209Z-394/Publico/Dissertacao%20Monica%20DAndrea%20Marcon.pdf](http://tede.ucs.br/tde_arquivos/7/TDE-2010-11-11T150209Z-394/Publico/Dissertacao%20Monica%20DAndrea%20Marcon.pdf)> Acesso em: 05 de maio 2015.

MATOS, Júlia Silveira. Aportes de teoria e metodologia da História: diálogos com a historiografia sul-riograndense. In: ALVES, Francisco das Neves; MATOS, Júlia Silveira. **Teoria e historiografia no Rio Grande do Sul:** ensaios históricos. Rio Grande. Universidade Federal do Rio Grande: FURG, 2011.

QUELUZ, Maria Lopes Pinheiro. **Design & Identidade.** Curitiba: Peregrina, 2008.

SILVA da, Katiene Nogueira. **Criança calçada, criança sadia!** Sobre ou uniformes escolares na escola pública paulista entre os anos de 1950 e 1970. Dissertação de Mestrado. São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29062007-152705/pt-br.php>> Acesso em: 22 maio 2015.

SOLOMON, Michael R. **O comportamento do consumidor:** comprando, possuindo e sendo. Porto Alegre: Bookman, 2002.

SVENDSEN, Lars. **Moda:** uma filosofia. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.